

A DEMOCRACIA ESTÁ AMEAÇADA? ANÁLISE DO DEMOCRACY INDEX 2019

LARISSA RUSSO GONÇALVES¹; DANIEL DE MENDONÇA²

¹UFPEl – larissarusso@gmail.com

²UFPEl – ddmendonca@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A ascensão mundial de populismos impõe à ciência política a discussão acerca do desempenho das democracias contemporâneas. Diversos autores, como Mounk (2019); Levitsky & Ziblatt (2018); Müller (2016); Runciman (2018) têm evidenciado um cenário político que favorece a emergência de populismos em detrimento do, até então consolidado, sistema democrático em lugares como EUA, Reino Unido e Brasil.

O diagnóstico realizado por muitos estudiosos da área revela que o enfraquecimento das instituições políticas, a desconfiança dos cidadãos para com a política, o crescimento da desigualdade social e econômica, dentre outros; são aspectos facilitadores para a tomada de ações iliberais por parte de governantes que não estejam, ao todo, comprometidos com os preceitos democráticos. Deste âmbito, emerge o debate sobre os limites da democracia e sua relação com os populismos, cada vez mais, insurgentes em diversos países.

Dito isso, o presente trabalho tem como objetivo principal apresentar uma breve discussão acerca dos sentidos de democracia presentes no relatório Democracy Index 2019, publicado pelo The Economist Intelligence Unit. Este índice apresenta, anualmente, segundo uma série de critérios, a situação da democracia em 165 países independentes e dois territórios.

A democracia liberal, em sociedades ocidentais, se demonstrava tão sedimentada que parecia difícil imaginar que algum dia tal sistema político seria colocado em xeque. Tinha-se uma imagem, principalmente em terreno norte-americano, de uma sociedade reconciliada, com cidadãos e governantes comprometidos com a democracia e, entendendo esta, como única forma de governo legítima. Esta noção tem sido desconstruída à medida que se está percebendo a fragilidade da estrutura democrática (TEIXEIRA, 2018).

O populismo emerge, neste contexto, quando as lacunas do sistema democrático são expostas por líderes que pretendem destituir o poder da elite dominante, cedendo o poder ao povo. Tal discussão vem sendo realizada por diversos teóricos, os quais estão longe de apresentar um consenso acerca de sua conceituação. No entanto, em pelo menos um quesito é possível perceber certa concordância dentre as vertentes: o populismo é um fenômeno político anti-establishment, ou ainda, do povo contra a elite. Eventos populistas, ocorridos em nível internacional, vêm suscitando o debate entre democracia e populismo, e sobre como ambos se opõem ou se complementam.

2. METODOLOGIA

O Índice da Democracia do The Economist Intelligence¹ foi criado em 2006 e é considerada uma fonte confiável de “medição” do fenômeno democrático. No

¹ <https://www.eiu.com/topic/democracy-index>

relatório a democracia é medida em “democracia completa, democracia imperfeita, regime híbrido e regime autoritário”².

O relatório apresenta um ranking do país mais democrático ao menos democrático, classificando os países a partir de cinco critérios. São estes: “processo eleitoral e pluralismo, funcionamento do governo, participação política, cultura política e liberdades civis”.³ Estas categorias foram definidas a partir da avaliação de estudiosos, além de surveys de opinião pública que são disponibilizados em alguns países.

Cada categoria é acompanhada de uma série de questões norteadoras da medição. Por exemplo, a categoria “processo eleitoral e pluralismo” questiona se ocorre sufrágio universal, se as eleições nacionais e municipais são livres e justas e se os candidatos têm as mesmas oportunidades na campanha eleitoral. Tais indagações, realizadas em todas as categorias, formam os critérios para que as democracias sejam classificadas de “completas” até “regime autoritário”, de acordo com o score atribuído a cada país.

Após a exibição do quadro com o score dos países, o relatório destina uma seção discutindo os resultados das seguintes regiões: América do Norte, Europa Ocidental, Europa Oriental, América Latina e Caribe, Ásia e Ásia Austral, Meio Oeste e África do Norte, África Subsariana.

Além disso, o Índice apresenta alguns comentários sobre protestos, movimentos sociais e tensões sociais que marcaram o ano em alguns países. A oportunidade de os cidadãos expressarem suas demandas perante à sociedade.

Em seguida, pretende-se discutir os sentidos de democracia presentes no Índice da Democracia, refletindo acerca da normatividade e racionalização do conceito, o qual está mais vinculado à ideia de procedimentos e instituições do que, propriamente à noção de soberania popular.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estaria a democracia ameaçada? Segundo os resultados divulgados no Democracy Index, sim. De acordo com o relatório, no ano de 2019, em termos globais, o score da democracia foi o mais baixo desde que o Índice foi criado em 2006. A média que, em 2018 foi 5.48, caiu para 5.44 em 2019, ainda mais baixa que no período de crise econômica estrutural em 2010, quando o score pontuou 5.46. Além disso, o relatório sinaliza regiões que decresceram democraticamente em relação aos seus scores em anos anteriores, como Estados Unidos e América Latina.

Apesar da queda da média, o documento sustenta que, em um ano, além dos drásticos declínios, também são constatadas grandes ascensões, como é o caso da Tailândia. São 68 países em declínio, 65 em ascensão e 34 países não manifestaram mudança com relação ao Índice de 2018. No entanto, permanece latente o argumento de que o mundo vive em “recessão democrática”, a qual consiste em menos participação popular, falha nas instituições, enfraquecimento da arena política, diminuição da capacidade representativa dos partidos políticos e diminuição das liberdades civis, tais como liberdade de mídia e de expressão.

O Índice da Democracia reflete, de maneira geral, a visão hegemônica da literatura especializada no assunto, a qual vislumbra a democracia como um regime em declínio, sobretudo, nos Estados Unidos e Europa. De acordo com os

² Tradução livre. Do original: “full democracy, flawed democracy, hybrid regime e authoritarian regime”.

³ Tradução livre. Do original: “electoral process and pluralism; the functioning of government; political participation; political culture; and civil liberties”.



teóricos políticos contemporâneos, está ocorrendo uma diminuição da adesão à democracia liberal, o que leva os governantes a recorrerem a soluções iliberais para as questões que vem sendo impostas. Este processo de desconsolidação da democracia estaria ocorrendo de forma gradual, não mais em um golpe abrupto, como mostra a história de diversos países em que regimes democráticos foram aniquilados por governos autoritários. A derrocada da democracia, de acordo com Müller (2016), tem sido um processo gradativo.

É possível perceber, de acordo com o explanado até aqui, que o mainstream da ciência política advoga contra a ascensão de populismos, entendendo este, como um fenômeno nocivo à democracia liberal, até então, muito bem sedimentada nas sociedades ocidentais. O sentido de democracia hegemônico, conforme aponta o Democracy Index, está estritamente ligado ao liberalismo. Este seria uma atribuição crucial e indissociável aos preceitos democráticos.

Diante do exposto aqui, qual seria a democracia posta em risco? Os significados atribuídos ao significante “democracia” no documento analisado situam o fenômeno democrático baseado na racionalidade dos atores políticos, instituições fortes, confiáveis sistemas e pesos e contrapesos e *accountability*. Este seria, basicamente, o modelo de democracia que toda sociedade deve buscar alcançar. Esta noção procedimental da política, a qual situa o funcionamento das instituições como termômetro para medir a eficiência de um governo e visa acabar com qualquer tipo de antagonismo, é aqui posta em perspectiva.

A própria ideia de “medição” do fenômeno democrático já se demonstra universalizante e prescritiva. O que funciona para uma sociedade, pode não funcionar para outras. A ocidentalização da democracia pode, muitas vezes, distanciar o fenômeno democrático da soberania popular, a qual está relacionada às raízes da democracia. Nota-se que os teóricos liberais, em maioria, visam retornar a um status quo ante, que na verdade nunca existiu.

Os mesmos autores, ao criticarem o populismo, deixam de apresentar suas nuances, situando o fenômeno em um único espectro essencialista. As experiências populistas ao redor do globo são diversas, variam de acordo com ideologia – esquerda ou direita -, varia também com relação à situação ou oposição do governo. São diversos povos construídos contra diversas elites.

Além disso, nem todos os populismos precisam, necessariamente, se opor ao fenômeno democrático. Por exemplo, alguns populismos de esquerda são considerados inclusivos, pois os mesmos fazem parte de um projeto de radicalização da democracia.(MOUFFE, 2019).

4. CONCLUSÕES

Este trabalho pretendeu apresentar uma reflexão acerca da relação entre democracia e populismo a partir da análise do Índice da Democracia publicado em 2019 pelo The Economist Intelligence. Buscou-se discutir, brevemente, os limites da democracia liberal contemporânea em abranger os antagonismos emergentes do tecido social na contemporaneidade.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LACLAU, Ernesto. A Razão Populista. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios, 2015.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as Democracias Morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- MOUFFE, Chantal. Por Um Populismo de Esquerda. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- MOUNK, Yascha. O Povo Contra a Democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MUDDE, C.; KALTWASSER, C. Populism: a very short introduction. Oxford: OUP, 2017.
- MÜLLER, Jan-Werner. What Is Populism? Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016.
- RUNCIMAN, David. Como a Democracia Chega ao Fim. São Paulo: Todavia, 2018.
- TEIXEIRA, Nuno Severiano. Três Reflexões Inacabadas Sobre Populismo e Democracia. RELAÇÕES INTERNACIONAIS SETEMBRO: 2018 [pp. 075-083]